

A emergência de um “Feminismo Periférico” na Zona Leste da cidade de São Paulo

Jonas Marcondes Sarubi de Medeiros (UNICAMP)

Maria da Gloria Gohn (UNICAMP)

Resumo: Este trabalho é fruto de doutorado, que se debruça sobre como as diferentes religiosidades podem ser potencializadoras ou então bloqueios para as lutas sociais pelos direitos das mulheres. Objetivou-se o mapeamento do associativismo de mulheres nas periferias da Zona Leste da cidade de São Paulo por meio de entrevistas semi-estruturadas com mulheres militantes e ativistas e observação participante em eventos realizados por alguns destes grupos. O principal resultado preliminar é a identificação de dois ciclos de contestação política, chamados provisoriamente de “Feminismo Popular” e “Feminismo Periférico”. Este trabalho terá como foco o segundo destes ciclos. Tratam-se de coletivos que surgem a partir de 2010, por iniciativa insurgente de mulheres jovens, no interior de movimentos culturais periféricos (como Hip Hop e saraus periféricos), inicialmente protagonizados por homens. Algumas das características deste “Feminismo Periférico” são: a criação de espaços públicos enquanto redes de sociabilidade; a centralidade da identidade racial; e a ampla apropriação da internet e das redes sociais. Esta categorização do ciclo político emergente é uma hipótese que busca organizar o material empírico coligido e descrever este novo associativismo como um campo de possibilidades de enquadramentos diagnósticos, prognósticos e motivacionais que podem ser convergentes ou divergentes entre si.

Palavras-chave: Associativismo; Feminismo; Redes de Sociabilidade.

Este trabalho é fruto de pesquisa de doutorado que se insere nas temáticas da educação não-formal e da sociologia dos movimentos sociais, tendo como objeto as conexões entre gênero e religião, mais especificamente como as diferentes religiosidades podem ser potencializadoras ou então bloqueios para as lutas sociais pelos direitos das mulheres. O objetivo da primeira etapa de nossa pesquisa de campo é o mapeamento do associativismo de mulheres nas periferias da Zona Leste da cidade de São Paulo, ou seja, associações, organizações, movimentos e coletivos que lutam pelos direitos das mulheres nesta região. As metodologias utilizadas até o momento foram: (1) entrevistas semi-estruturadas com mulheres lideranças comunitárias, militantes e ativistas (até o momento 39 entrevistas com 36 diferentes iniciativas da sociedade civil); e (2) observação participante em eventos realizados por alguns destes grupos e entidades.

O principal resultado preliminar que alcançamos foi a constatação da complexidade histórica do associativismo de mulheres na Zona Leste de São Paulo e a identificação de dois ciclos de contestação política no interior deste associativismo, os quais estamos chamando provisoriamente de “Feminismo Popular” e “Feminismo Periférico” (MEDEIROS, 2015). O primeiro ciclo consiste basicamente de associações e movimentos de mulheres fundados nas décadas de 1980 e 90, por mulheres nascidas nas décadas de

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

1940-60 a partir de suas experiências nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e em movimentos sociais populares urbanos (como as lutas por moradia, saúde e creche) e cujo principal repertório foi o atendimento psicológico e jurídico de mulheres em situação de violência. Vamos nos focar neste trabalho, contudo, no segundo ciclo: tratam-se de coletivos, que em geral se auto-compreendem como feministas e que surgem a partir do ano de 2010, por iniciativas de mulheres jovens, nascidas nas décadas de 1980-90, a partir de movimentos culturais periféricos. Verifica-se que há, nos últimos 2-3 anos, uma explosão de iniciativas sob a forma de *coletivos feministas* nas periferias de grandes cidades (como nas Zonas Sul, Norte e Leste de São Paulo) e de suas Regiões Metropolitanas (como em cidades-satélite do Distrito Federal), sempre de modo intimamente ligado a movimentos culturais como os saraus periféricos e a Cultura Hip Hop (MEDEIROS, 2015, p. 13).

Ao contrário do associativismo de mulheres anterior, cuja organização se dava pela *forma-associação* (com personalidade jurídica e sede próprias), praticamente todas as iniciativas se organizam por meio da *forma-coletivo*. De um lado, isto implica maior liberdade e fluidez pois em geral não há divisão formal de cargos, o que implica uma auto-organização de caráter horizontal. Por outro lado, isto implica igualmente uma maior instabilidade: desde que efetivamente começamos, no final de fevereiro de 2015, o mapeamento das associações e coletivos de mulheres na Zona Leste de São Paulo, 3 coletivos feministas (num universo de 12 já mapeados – alguns ainda não entrevistados) ou “acabou” ou estão com suas atividades “paralisadas” ou então “esse ano está de ‘férias’”, nos dizeres das próprias militantes contatadas. Parece-nos que isto se deve principalmente ao fato de que a situação social das mulheres periféricas implica que a sua militância é, em geral, uma “quarta jornada de trabalho”: para além da ocupação profissional, dos serviços domésticos (ainda determinados pela divisão sexual do trabalho, inclusive porque várias militantes são mães solteiras) e, por último, da frequência, muitas vezes comum mas nem sempre determinante, em um curso de graduação no Ensino Superior (e, mais raramente, na Pós-Graduação).

Há poucos estudos no campo acadêmico acerca do surgimento destes coletivos a partir dos movimentos culturais periféricos. Como bem nota Caldeira (2014), as mulheres continuam sendo minoria, não há igualdade nem numérica nem na dinâmica social, mas a realidade está mudando nos últimos 2-3 anos: há uma participação feminina crescente na cultura periférica; parece-nos, contudo, que a autora ainda avalia como algo muito inicial e

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

demasiadamente marcado por tensões, ambiguidades e contradições, no interior das quais as mulheres estariam ainda presas seja a masculinização seja a uma reivindicação de uma feminilidade essencializada. Deste modo, a autora não teria verificado a ampla emergência de coletivos assumidamente feministas (mesmo que com seus enquadramentos divergentes acerca do que significa “feminismo”), da forma como acreditamos que nossa pesquisa de campo esteja apontando; talvez sua avaliação esteja rapidamente se tornando anacrônica frente aos rápidos desdobramentos deste fenômeno social emergente. Concordamos com os objetivos e resultados preliminares de investigação igualmente em curso que está mapeando as mulheres nas literaturas marginal e periférica, as quais “rompem com a máxima ‘Pode o Subalterno Falar?’ e inovam no jeito de narrar, reportar e contar a própria história, além de romperem com o estigma de que os subalternos não têm vez, tampouco voz” (BALBINO, 2014). Além da apropriação destes estudos iniciais da presença de mulheres nos movimentos culturais periféricos, teremos como futura estratégia complementar à análise das nossas próprias entrevistas o confronto, sempre de uma perspectiva de gênero, com a bibliografia que recentemente se ocupou dos saraus periféricos (NASCIMENTO, 2012), da literatura marginal ou periférica (LEITE, 2014) ou de modo mais amplo, da “formação dos sujeitos periféricos” (D’ANDREA, 2013).

A seguir, vamos tentar apresentar alguns resultados de nossas entrevistas com militantes e ativistas com relação a um recorte específico e determinado: as *sociabilidades*. A análise de redes de sociabilidade é relevante para a investigação da ação coletiva na forma do “Feminismo Periférico” a fim de:

[...] compreender a gênese das categorias críticas com base na reconstrução de experiências pré-teóricas e inscrever suas pretensões normativas fundamentalmente nas *interações sociais* (no domínio amplo e paradigmático para a teoria crítica pós-habermasiana do que Honneth entende por “social”) [...]. (MELO, 2015, p. 23)

Isto implica em considerar que a gênese dos impulsos igualitários do “Feminismo Periférico” e seus mais diferentes enquadramentos – anarco-feminismo, feminismo negro, feminismo interseccional e mulherismo africana – está nas experiências práticas que as mulheres periféricas vivenciam em sua vida cotidiana. Deste modo, também buscamos nos filiar a uma certa tradição das ciências sociais brasileiras que advogou por um “primado da experiência”; nossa principal referência aqui é o trabalho clássico de Eder Sader (1988).

Analisando o processo de redemocratização brasileira nas décadas de 1970 e 80, Sader inova na leitura do regime militar, ao defender, junto com Vera Telles, que “a estratégia de poder instituída em 1964” não é autoritária apenas enquanto “prática do

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Estado contra a sociedade, mas como uma prática social tornada experiência cotidiana” (SADER, 1988, p. 115). O fechamento dos espaços públicos – noção tomada de Habermas (note-se que o uso da tradução francesa d’*A mudança estrutural da esfera pública* leva Sader a se referir geralmente a “espaço público”, não “esfera”) – se dá não apenas num sentido de manifestação política, mas também enquanto “espaços de convivência formados pelos encontros cotidianos na cidade”, verdadeiros “espaços de encontro e reconhecimento. Sem incidência política direta, são espaços onde se forma um ‘público’, pelo intercâmbio de comentários, informações, histórias” (SADER, 1988, p. 118). A redemocratização não é somente abertura do sistema político, considerado apenas em seu caráter formal, mas a “reconstituição de espaços de encontros, onde se trocavam informações”. Considerando a gênese dos movimentos populares a partir do mundo da vida cotidiana das classes trabalhadoras brasileiras, Sader afirma que:

Desse cruzamento de falas e experiências foi se reconstituindo um novo espaço público. É o que J. G. Magnani tão bem apresentou ao falar dos “pedaços” da cidade: os lugares, em cada vizinhança, que constituem a mediação entre a casa e o mundo:

“O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”. (MAGNANI *apud* SADER, 1988, p. 120-121).

Sader se apropria da pesquisa etnográfica de Magnani (1998) acerca do lazer das classes populares – o uso de seu “tempo de vida”, num dizer mais marxista – para aludir à recriação de esferas públicas informais decisivas para a redemocratização política (e social) do país: nesses “pedaços” circulam “novos significados coletivos que expressam as interpretações formuladas sobre as condições de vida na metrópole”. Desta reinterpretação, surge uma “semântica dos dominados”: “É desse solo que brotaram os movimentos sociais a partir da metade da década de 70” (SADER, 1988, p. 121). Esta abordagem, que poderíamos caracterizar de *societal*, privilegia os espaços de sociabilidade que não se subordinam às lógicas formais do Estado e do mercado e permite reconstruir a pré-história dos movimentos sociais, a gênese das condições de possibilidade de suas ações coletivas.

Para expor uma análise, mesmo que preliminar, baseada nesta perspectiva societal, é preciso apresentar os coletivos mapeados e entrevistados, eleitos para serem tratados neste trabalho. Como ficará claro adiante, os saraus periféricos são um espaço de sociabilidade crucial para estas jovens se encontrarem, se descobrirem e se articularem. O Ser Vi Elas, por exemplo, nasce como o “Núcleo Feminista” do Sarau do M.A.P. (Movimento Aliança da Praça), realizado na Praça do Furró, em São Miguel Paulista

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

(sendo que as suas integrantes não se conheciam antes de começar a frequentar o sarau), enquanto que o Coletivo Juntas na Luta continua a ocupação da Biblioteca Cora Coralina, em Guaianases, iniciado como Sarau da Maloca pelo Coletivo Arte Maloqueira (predominantemente masculino) e o transforma em um Sarau Feminista chamado “Junte-se na Luta”. Outra forma de apropriação de equipamento público é atestada pelo Coletivo Fayola Odara, que realizou oficinas em torno da estética e beleza da mulher negra no CEU Lajeado. Já os coletivos Mulheres de Orí e Mulheriu Clã têm suas principais atividades sediadas no Centro de Formação Cultural de Cidade Tiradentes (de gestão municipal), o primeiro articulando gastronomia, dança, artes visuais e um núcleo de pesquisa, enquanto que o segundo se constitui como um “coletivo de coletivos” de rap feminino a fim de combater a discriminação e segregação de mulheres dentro do Movimento Hip Hop, ainda majoritariamente masculino e machista. Outro coletivo que também concentra suas atividades em Cidade Tiradentes, o M.A.N.A. (Mulher Atitude Negritude e Arte) Crew, utiliza a Biblioteca Comunitária Solano Trindade (mantida pelo Núcleo Cultural Força Ativa, fundado na década de 1980); seu objetivo é agregar mulheres grafiteiras e popularizar esta linguagem para outras mulheres, combatendo tanto a discriminação que a Cultura Hip Hop sofre externamente, quanto a interna, voltada contra as mulheres. Por fim, o Grupo de Coco Semente Crioula realiza seus ensaios no Ponto de Cultura de Guaianases, mesclando o resgate de sambas de coco originários de Pernambuco com composições próprias e inéditas de suas integrantes, com temáticas feministas.

Depois desta brevíssima apresentação de 7 dos coletivos feministas periféricos entrevistados, buscaremos a seguir responder a duas questões: (1) quais são os espaços de sociabilidade a partir dos quais os coletivos feministas periféricos *emergem*; e (2) quais são os espaços de sociabilidade que certos repertórios destes coletivos *instauram*.

Com relação aos espaços de sociabilidade que puderam ser identificados na análise das entrevistas como pré-existentes ao surgimento dos coletivos das jovens mulheres periféricas e que fomentaram ou impulsionaram a sua auto-organização, podemos identificar, de início, a centralidade da família. Em muitos casos, os laços de parentesco imediatos são a primeira entrada para as mulheres se organizarem e darem o pontapé inicial ao seu associativismo. Na história e na prática do Mulheres de Orí, por exemplo, tanto a tentativa de incluir novas mulheres na organização do coletivo apela para a instituição familiar, incentivando irmãs a participarem mais ativamente quanto a busca de conscientizar mulheres que não têm contato com temáticas raciais e de gênero se dá, de

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

início, com suas mães, tias e avós. Já no caso do Mulheriu Clã, os dois grupos de rap que estão na sua origem e estruturam suas ações para incluir outros coletivos ou MC's individuais têm uma composição familiar: o grupo “As Trinca” se compõe de duas irmãs e da cunhada de uma delas; e o grupo “GGF A Família” é composto por esposa, marido e seu casal de filhos. Contudo, nem sempre a instituição familiar cumpre um papel de potencializar o associativismo, podendo servir como um bloqueio aos direitos das mulheres que as impulsiona a buscar outras redes de sociabilidade. O relato da militante do Juntas na Luta situa na morte de sua mãe a origem da fundação do coletivo, pois a condição de ser a filha mais velha impôs socialmente e no interior da família a exigência de assumir a responsabilidade por seus irmãos e irmãs mais novos; o machismo estrutural que livra os homens de assumir os cuidados pelas crianças foi o que potencializou sua formação enquanto feminista. Uma outra entrevistada também relatou situações de violência de pai contra filha, preservando o anonimato da integrante que passou por esta situação. Nestas duas histórias, busca-se auxílio e apoio fora da família: neste segundo caso, o próprio coletivo feminista acaba funcionando como uma “segunda família”; já no primeiro, foi no mercado de trabalho que a militante encontrou acolhimento, amizade e compreensão. As idealizadoras do Juntas na Luta se conheceram em uma empresa de telemarketing onde trabalhavam e “sempre conversavam sobre estas questões”, partindo reflexivamente da experiência de suas próprias mães e de outras mulheres mais velhas, como as avós, que “ajudam a construir nossa história”; foi a partir do apoio mútuo e da experiência prática das mulheres periféricas terem um papel social compulsório de “cuidado dos homens negros periféricos e das crianças” que sua referência anterior dentro do movimento punk durante a adolescência floresceu como a base de criação de um coletivo que se queria inicialmente anarco-feminista.

Outro espaço de sociabilidade relevante é experiência da religiosidade. Em muitos casos, o espaço religioso foi o responsável pelo encontro e reconhecimento iniciais das militantes destes coletivos. Duas das idealizadoras do Mulheriu Clã se conheceram na Igreja Renascer em Cristo (evangélica pentecostal) e cantavam juntas o que elas chamaram de “rap gospel”. Já quatro das seis integrantes do Semente Crioula se conheceram em espaços de militância da vertente progressista da Igreja Católica, como o Grupo de Estudos por Relações Igualitárias do Instituto Paulista da Juventude (GERI-IPJ). Curiosamente, nestes dois casos, ocorreram afastamentos posteriores das respectivas comunidades religiosas: as integrantes do Mulheriu Clã continuam se declarando evangélicas e cristãs –

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

caindo na categoria que o IBGE passou a chamar a partir do Censo de 2010 de “evangélicos não-determinados” –, porém deixaram de frequentar a Renascer já a alguns anos (considerando inclusive que se continuassem a ir regularmente, dificilmente elas teriam as posturas tolerantes e abertas ao reconhecimento da diversidade, seja ela religiosa, seja com relação à orientação sexual); já as ex-militantes do IPJ sequer se declaram atualmente católicas, o que muito provavelmente se relaciona à perda de espaço da Teologia da Libertação. A religiosidade também tem um papel não apenas enquanto sociabilidade pré-existente aos coletivos, mas também como reforço da identidade coletiva que o associativismo destas mulheres jovens busca construir: no caso do Mulheres de Orí, três das cinco integrantes passaram a frequentar uma casa de candomblé, processo de ressocialização não apenas religioso (nenhuma das suas famílias se identificava previamente com alguma religiosidade afro-brasileira) mas também político (dada a centralidade da identidade cultural e religiosa negra para as atividades de seu coletivo). De qualquer modo, a ressocialização também pode gerar conflitos com a sociabilidade religiosa anterior: uma das integrantes deste mesmo coletivo continuou frequentando a Igreja do Evangelho Quadrangular (evangélica pentecostal), muito embora depois de um ano de existência do coletivo, as militantes se encontrem agora em harmonia com relação a esta convivência religiosa, verdadeiro processo de aprendizagem.

Com relação a todos os espaços de sociabilidade relevantes para a gênese destes coletivos feministas, certamente são os movimentos culturais periféricos que consistem na sua principal base de formação e solo a partir do qual eles emergem. Contudo, buscaremos mostrar a complexidade e ambiguidade dos processos que constituem sua pré-história.

Inicialmente, é visível como tais movimentos culturais, principalmente o Hip Hop e o crescente circuito de saraus periféricos na cidade de São Paulo representam não apenas, como já foi dito, espaços de sociabilidade fundamentais de encontro, descoberta e articulação entre as jovens, mas possivelmente importantes matrizes discursivas (SADER, 1988, cap. 3) do “Feminismo Periférico”. Há relatos, por exemplo, nas entrevistas do Ser Vi Elas e do Semente Crioula, que os movimentos culturais, mais especificamente os saraus, são um espaço onde se verifica um machismo menor do que em outras esferas da sociedade, bem como um lugar onde as mulheres podem se expressar e se identificar com discursos feministas. Outros relatos contradizem, ou ao menos mostram um lado menos libertário destes movimentos: histórias de preconceito, discriminação e machismo se acumulam, desvelando as relações de poder nas quais os homens ocupam posição

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

privilegiada e opressora. A Cultura Hip Hop é vista como machista, tanto o rap (“extremamente dominado por homens”, como disse uma das integrantes do Mulheriu Clã), quanto o grafite (militantes do M.A.N.A. Crew relataram já terem sofrido discriminação, tendo seu trabalho desvalorizado e movido para um muro de menor destaque ou mesmo terem sofrido “olhares abusivos” por parte dos homens, uma situação descrita como desconfortável, incômoda e perturbadora). Mesmo quando homens dos movimentos culturais acreditam estarem sendo solícitos, ao carregarem equipamentos ou se disporem a manejar alguma tecnologia, estas atitudes são vistas como paternalistas e invasivas, ameaçando a autonomia e independência das mulheres. Em última instância, sofrer situações de violência machista, mesmo que psicológica, culminam em decisões de mulheres de saírem de coletivos mistos e buscarem auto-organizações apenas de mulheres.

Até o momento, as situações descritas envolvem apenas conflitos de práticas machistas de homens, mas as entrevistadas também relatam atitudes complicadas da parte de outras mulheres no interior destes movimentos culturais, seja num sentido de individualismo e competitividade de mulheres isoladas que conflita com a proposta de constituição de um coletivo de mulheres, seja no sentido de discordâncias ideológicas (um dos coletivos, dedicado à questão da auto-estima e identidade da mulher negra, relatou que a gênese de suas atividades autônomas decorre da não-aceitação de outro coletivo feminista de sua proposta, centrada na estética e na vaidade, como oficinas de turbante e maquiagem, por ser visto como algo secundário).

A presença crescente de mulheres nos movimentos culturais periféricos também permite uma solidariedade que fortalece e retroalimenta a ocupação feminina de cada vez mais espaços, com coletivos já consolidados abrindo portas para as mais jovens e menos articuladas, seja indicando caminhos de financiamento de atividades culturais via editais (foi um coletivo chamado Manifesto Crespo, com base na Zona Norte da cidade de São Paulo que compartilhou a informação relativa ao Projeto VAI da Prefeitura para que o Fayola Odara conseguisse estruturar suas atividades com algum financiamento), seja apoiando organizacional e emocionalmente as que chegam na cena cultural mais tardiamente (o Mulheriu Clã e As Trinca no rap abrindo espaço para o M.A.N.A. Crew realizar seus grafites em seus eventos), seja inspirando a adoção de repertórios até então desconhecidos ou inconcebíveis, a partir de seu exemplo cotidiano (foi tendo em vista o Sarau Feminista do Juntas na Luta que o Coletivo Fayola Odara pensou em realizar o seu Sarau das Odaras).

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Dois últimos exemplos de sociabilidades relevantes para o surgimento dos coletivos mapeados são o acesso ao ensino superior e as redes sociais na internet. Muitas das militantes entrevistadas, possivelmente a maioria, são ou foram universitárias, o que reflete o processo de democratização do ensino superior na última década. No caso específico do Mulheres de Orí, encontramos um caso menos comum, de que a entrada na universidade não se deu via faculdades particulares e sim na universidade pública: duas de suas integrantes só se conheceram ao entrar na graduação em geografia da Unesp de Presidente Prudente. De um lado, a entrada de mulheres negras periféricas em um espaço privilegiado como é o ensino superior público significou experiências práticas de preconceito e discriminação raciais; por outro lado, possibilitou o encontro de uma moradora da Zona Leste com outra jovem, residente no Grajaú, extremo sul da capital paulista, o que redundou tanto na criação de um coletivo antirracista neste campus da Unesp, como trouxe a ex-moradora da Zona Sul para espaços de sociabilidade no Extremo Leste da cidade, haja visto que o principal bairro de atuação do Mulheres de Orí é Cidade Tiradentes. Não vamos nos demorar na análise da centralidade das redes sociais na internet, principalmente o Facebook e a criação de blogs enquanto espaços de atuação dos coletivos feministas, mas apenas destacar que a internet é também espaço de encontro, de início de amizades que viabilizam a fundação de coletivos. Da mesma forma que foi a universidade pública que criou pontes entre distritos muito distantes da cidade paulistana, no caso do M.A.N.A. Crew foi a internet, mais especificamente o Instagram, que permitiu que duas das suas lideranças se conhecessem e passassem a tocar o coletivo, o que de outro modo provavelmente não aconteceria, já que uma delas é moradora de Cidade Tiradentes e a outra no distrito de Ermelino Matarazzo, localizado a quase 20 km de distância.

Destacamos que a continuidade da investigação se dará não apenas por meio de análises mais aprofundadas das entrevistas já realizadas, mas primordialmente pela coleta de *histórias de vida* de uma militante de cada um dos coletivos eleitos para serem investigados, pois “[...] a história de vida permite [...] descobrir essa realidade social objetiva, um duplo ângulo complementar: o da própria dinâmica das relações sociais, e do social *in statu nascendi* [...]” (BASTIDE, 1953, p. 6).

Até o momento, estamos tratando dos espaços de sociabilidade que identificamos como o *locus* das experiências práticas que permitem a gênese dos coletivos. Agora, passaremos a nos ocupar das sociabilidades criadas pelo seu conjunto de repertórios. Como visto anteriormente, é característico destes coletivos feministas (bem como destes

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

movimentos culturais periféricos) a ocupação não só de equipamentos públicos estatais (biblioteca, centro cultural e centro educacional) e não-estatais (biblioteca comunitária, ponto de cultura) como também de espaços públicos (como a Praça do Forró); daríamos um passo além para afirmar que estes coletivos e movimentos mais do que “ocupar”, eles *instauram* espaços públicos, ainda mais se o entendermos não como mero espaço físico, mas como redes de sociabilidade. Vamos, a seguir, nos basear não apenas nas entrevistas semi-estruturadas, mas em observações participantes que realizamos em eventos de todos os coletivos analisados, com exceção de um.

Em 19 de abril de 2015, o Sarau do M.A.P. comemorou seu segundo aniversário e seria neste dia que seu Núcleo Feminista, ainda sem nome (posteriormente assumindo a denominação Ser Vi Elas), realizaria sua primeira apresentação. Mais de 100 pessoas passaram pelo sarau e pela Praça do Forró em São Miguel durante aquele domingo chuvoso, coincidindo com duas semifinais clássicas pelo Campeonato Paulista, principalmente jovens, entre 15 e 30 anos, com algumas crianças e poucos adultos mais velhos. As seis integrantes do coletivo declamaram um poema, cujo refrão, repetido por elas, dizia: “sou objetiva / nunca mais objeto”. Havia um clima ritualístico e até mesmo catártico. A persistência dos jovens ali presentes, em não arredar o pé em momentos de chuva torrencial, indica a importância daquele espaço de lazer e sociabilidade para eles, sendo o sarau realizado um domingo por mês. Tal sociabilidade é marcada por uma tematização ampla das desigualdades sociais: as poesias declamadas invariavelmente tematizavam a questão racial, as mulheres, os indígenas, a pobreza, a desigualdade de classe, a crítica à grande mídia tradicional, a redução da maioria penal; a tolerância com relação à orientação sexual e os direitos LGBT não foram tematizados explicitamente, mas referências contidas em poesias e músicas e, principalmente na demonstração pública de afeto comprovam sua contribuição para a sociabilidade deste sarau periférico. Além do aspecto da sociabilidade, salta aos olhos seu caráter de ressocialização: uma poetisa, ao ganhar a competição chamada Slam Função, compartilhou que sua vida mudou com o M.A.P., sendo que 2 anos atrás ela “usava chapinha” e agora tem orgulho de sua identidade negra; outro poeta, líder e idealizador do sarau, agradeceu “às minas” por aprender o que a sua mãe “ignorante” (pois “submissa ao patriarcado”) não pôde lhe ensinar, sendo que seu aprendizado do machismo foi marcado por seu pai e seu tio, o que o levava a, até antes do sarau existir, reproduzi-lo. Para nós, fica claro como o sarau consiste em espaço educativo não-formal, no sentido de construir uma cultura política democrática (GOHN, 1999).

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Já em 7 de junho de 2015, pudemos presenciar uma das atividades do Mulheriu Clã dentro de seu projeto apresentado ao Programa VAI da Prefeitura: o seu 1º “Circuito” do ano. Era um domingo a noite na Biblioteca Solano Trindade, em Cidade Tiradentes; até o momento em que pudemos observar houve um auge de 50 pessoas presentes. Em relação à faixa etária, tratava-se de um público um pouco mais velho do que o Sarau do M.A.P., com uma presença maior de crianças, filhos e filhas de adultos a partir dos seus 30 anos. O público era bastante misto (homens e mulheres), inclusive no palco: em geral, as mulheres não são DJ's e algumas participam de grupos mistos. Duas apresentações que pudemos observar foram marcantes. A dupla “PretoNuBranco”, que cantou “não sou feminista, só falo a verdade” e a rapper Beatriz Oliveira, conhecida como “Bê O”, que abriu sua apresentação “à capela”, narrando sua experiência de ler seu primeiro poema em um sarau: a ansiedade; a sensação de que seu coração estava exposto em uma folha de papel; seu treino num quarto apertado, sussurando para não acordar ninguém; e quando leu para a sua mãe, as duas não paravam de chorar...

A sensação de que as mulheres não são protagonistas absolutas mesmo nos eventos realizados por coletivos de mulheres se repetiu no Cartel da Tinta, organizado pelo M.A.N.A. Crew em 2 de agosto de 2015, um longo domingo ensolarado, que começou pela manhã e adentrou a tarde inteira. As jovens conseguiram reservar muitos muros, um quarteirão gigantesco inteiro e ainda por cima muros de outras casas adjacentes; a sociabilidade instaurada não é apenas entre grafiteiros homens e mulheres, pois a vizinhança acompanha os trabalhos ao ar livre, observando, conversando com os artistas e pedindo permissão para tirar fotos com seus celulares. Com relação à sociabilidade, pudemos observar que a imensa maioria dos grafiteiros eram homens, muitos dos quais de fora da Zona Leste. Além das integrantes do coletivo de grafiteiras, havia duas jovens auxiliando seus namorados “preenchendo lacunas” de seus grafites e apenas uma grafiteira mulher que não pertencia ao grupo organizador, moradora de Cidade Tiradentes. Conversando com ela, foi tematizada uma tensão de gênero: ela “ainda não se acostumou” com a abordagem de alguns homens, sem saber “ainda como reagir”: muitos não sabem “separar as coisas”, firmar uma parceria já significaria imediatamente “dar em cima” e eles ainda “ficam bravos se não forem correspondidos”. Logo em seguida, uma fala reveladora desta tensão de gênero: “Tem que ser muito macho pra lidar... Quero dizer, tem que ser muito Mulher!”. Neste caso, de uma grafiteira individual, não pertencente a nenhum coletivo, reaparece justamente a ambiguidade tratada por Caldeira (2014) de que as

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

mulheres estariam presas nos movimentos culturais periféricos ou a uma masculinização ou então a uma feminilidade essencializada. De qualquer modo, o fato de ter sido o primeiro destes eventos que o M.A.N.A. Crew realizou também tem um outro significado que não necessariamente a não-efetivação de uma sociabilidade emergentes de mulheres para mulheres, que é o reconhecimento de seus pares, muito gratos pela oportunidade rara de poder trabalhar em condições tão propícias quanto as que foram por elas proporcionadas.

Fora do contexto do Movimento Hip Hop, o Grupo de Coco Semente Crioula apresenta suas composições originais feministas em saraus periféricos, como n^o “O que dizem os umbigos?!”, em Itaim Paulista; pudemos observar sua apresentação na Virada Feminista, organizada pela ONG Sempreviva Organização Feminista (SOF) no Centro Cultural da Juventude, em 5 de julho de 2015, mesmo dia de nossa entrevista. Por um lado, há a facilidade de se estar apresentando para “convertidas”; do que pudemos perceber, quem estava presente naquele domingo pela manhã eram, na sua maioria, militantes ou simpatizantes do feminismo (muito embora, as entrevistadas tenham se queixado para mim de uma postura “teórica” ou “contemplativa” das pessoas, que se mantiveram espectadoras sentadas em vez de se levantar e dançar – tal como nós mesmos...). Por outro lado, em outro contexto, se revelam dificuldades ou resistências, como na participação por elas relatada em evento organizado por coletivos de mulheres ligado ao Hip Hop; a diferença em termos de linguagem (da cultura periférica propriamente dita e da cultura popular do coco, manifestação cultural do nordeste com origem indígena e afro-brasileira) poderia ser um impeditivo para dialogar e participar, embora elas tenham se surpreendido com o engajamento e a vontade de aprender sobre o coco, sua história e seus passos de dança.

De qualquer modo, em muitas das sociabilidades instauradas pelos coletivos pode-se verificar que o público-alvo, os destinatários de suas atividades, são mulheres (e, em alguns casos, homens também) que já estão envolvidos e têm o hábito de frequentar esta “cena cultural” ou já têm conhecimento das linguagens e discursos que são postos em circulação. O Hip Hop já tem uma história que remonta na cidade de São Paulo à década de 1980 e os saraus, mesmo que mais recentes, têm seus públicos fiéis e cativos. Quem melhor abordou esta dificuldade, foi a entrevistada pelo Coletivo Juntas na Luta; segundo ela, quem frequentava o Sarau Feminista “Junte-se na Luta” realizados na Biblioteca Cora Coralina durante o ano de 2014 eram principalmente mulheres jovens universitárias de fora do distrito de Guaianases. Mesmo que fossem mulheres de outras periferias, elas já eram

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

frequentadoras dos “movimentos de literatura”. A entrevistada revelou seu desconforto individual com a dificuldade em chegar nas “mulheres em cárcere privado”, em realizar um trabalho de base com aquelas mulheres que não têm contato ou conhecimento da cena cultural periférica. Enquanto o coletivo esteve mais ativo, sua proposta de oficinas de pintura em tecido (para fabricar panos de prato bordados com letras que dialogassem com a violência doméstica) chegou num ponto em que nenhuma mulher compareceu ao evento, muito embora elas tivessem tentado panfletar em reuniões de pais nas escolas e em feiras livres para alcançar e mobilizar estas mulheres.

Talvez quem mais tenha conseguido atingir esta expansão do público ao qual se destina os repertórios dos coletivos feministas foram o Fayola Odara e o Mulheres de Orí, ao menos até onde pudemos perceber e observar. O Fayola Odara se encontra “de férias”, com suas “atividades paralisadas” depois do Projeto VAI de 2014 ter acabado, por isso não tivemos a oportunidade de realizar observação participante em nenhum de seus eventos; contudo, pelo relato da militante entrevistada, o público dos *workshops* realizados (de turbante, maquiagem, além de rodas de conversa), cerca de 100 pessoas por evento, era composto por mulheres de 7 a 60 anos que “não eram militantes”, “não tinham qualquer contato com o movimento negro” e para as quais “tudo o que falávamos era novidade”. Na sua avaliação, a grande conquista alcançada por este trabalho foram mulheres que participaram de mais de um evento e no final do ano “se encrespam”, ou seja: assumiram seus cabelos crespos, num processo de construção da identidade da mulher negra.

Já no segundo caso, tivemos a oportunidade de observar uma atividade, que abriu a 1ª Mostra Cultural da Mulher Afro-Latinoamericana e Caribenha, no Centro de Formação Cultural de Cidade Tiradentes, em 24 de julho de 2015. A maioria das mulheres que vieram participar naquela manhã de sexta-feira da atividade “Resistência ancestral” do Núcleo de Estudos e Pesquisa da Mulher Negra do Mulheres de Orí eram adultas, mais velhas e alunas do CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) Iguatemi, mobilizadas por duas de suas professoras, que chegaram a alugar um ônibus para trazê-las. Após uma dinâmica de grupos de cerca de 5 pessoas, passou-se a compartilhar no grupo maior as reflexões sobre “o que é ser mulher negra”. Professoras e alunas relataram suas discussões em termos do papel da mídia que ensina as mulheres negras a não se gostarem ou então relatos de depressão crônica relacionada à não-aceitação de sua estética. Enquanto isso, as integrantes do coletivo fizeram questão, em todos os momentos, em conectar as experiências pessoais com a questão histórica da escravidão e do lugar da mulher negra,

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

tanto no sentido de sofrer “estupro colonial” quanto na sua centralidade na articulação de resistências e lutas pela liberdade, de mulheres mas também de homens. O que saltou aos olhos para nós foi como a atividade instaurou um espaço de sociabilidade que propiciou uma interação geracional certamente rara, entre as jovens militantes (algumas com passagem pela universidade pública, outras não) e as adultas e idosas da EJA; até mesmo um grupo de 4 adolescentes mais novas também estavam presentes, no início constrangidas ao serem convidadas a participar de um desfile afro-brasileira, depois mais a vontade, ao compartilharem uma experiência de discriminação racial no atendimento de uma loja. Foram também tematizados o racismo, a solidão da mulher negra, a questão da identidade e do reconhecimento, sempre aliadas à insistência do coletivo em historicizar estes fenômenos e conectá-los ao passado escravocrata do Brasil. O potencial de expansão do público destinatário da educação não-formal almejada pelo coletivo ficou evidente ao final da atividade, quando uma mãe, negra, de cabelo liso, passou a pedir dicas para ela convencer a filha a usar o cabelo crespo; embora insistisse em não reconhecer o descompasso entre expectativa com relação à filha e sua prática de não assumir sua própria identidade, uma das militantes do coletivo, muito pacientemente, buscava problematizar que o principal modelo da criança é a mãe (“ou seja: você!”), por isso ela própria precisava se fortalecer enquanto mulher negra.

Buscamos neste trabalho apresentar o “Feminismo Periférico” de uma perspectiva societal, que privilegiasse a forma como diversos espaços de sociabilidade condicionam os enquadramentos diagnósticos (a problematização da situação social de mulheres periféricas), prognósticos (efetivar impulsões igualitárias de combate ao machismo por meio do feminismo negro, do anarco-feminismo ou do mulherismo) e motivacionais (como mobilizar o público-alvo de suas atividades) propostos pelos coletivos mapeados. Concluimos pela *ambiguidade* constitutiva dos espaços de sociabilidade pré-existentes aos coletivos, haja visto que sua gênese é tanto possibilitada quanto dificultada por experiências práticas na família, na religiosidade e, por fim, nos próprios movimentos culturais periféricos. Além disso, os espaços de sociabilidade instaurados pelos repertórios destes coletivos encontram um *dilema* na expansão de sua educação não-formal para destinatárias que estão fora do circuito dos movimentos culturais. É da possibilidade objetiva do enraizamento societal do “Feminismo Periférico” que depende o seu potencial de transformar mais profundamente as relações de gênero no âmbito da vida cotidiana.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Bibliografia

Fontes primárias

- FERNANDES, Tayla. **[Ser Vi Elas]**: depoimento. Entrevistador: Jonas Medeiros. São Paulo: Praça do Forró, 09 abr. 2015. 1 arquivo .wma (1h 09min 26s).
- LOPES, Nay; GUERRA, Débora. **Mulheriu Clã**: depoimento. Entrevistador: Jonas Medeiros. São Paulo: CFCCT, 06 mai. 2015. 1 arquivo .wma (2h 14min 51s).
- MAIA, Nayra. **Coletivo Fayola Odara**: depoimento. Entrevistador: Jonas Medeiros. São Paulo: Shopping Light, 08 jul. 2015. 3 arquivos .wma (1h 02min 21s).
- NOVAES, Priscila. **Coletivo Mulheres de Orí**: depoimento. Entrevistador: Jonas Medeiros. São Paulo: Galeria Olido, 13 abr. 2015. 1 arquivo .wma (1h 19min 07s).
- PEREIRA, Evelin [Nina]. **Coletivo Juntas na Luta**: depoimento. Entrevistador: Jonas Medeiros. São Paulo: Bibl. Cora Coralina, 26 mai. 2015. 1 arquivo .wma (2h 06min 31s).
- RODRIGUES, Queila; ROSA, Andreia; RODRIGUES, Tatiane; OLIVEIRA, Maria Isabel; COSTA, Patrícia Alves; FREITAS, Camila. **Grupo de Coco Semente Crioula**: depoimento. Entrevistador: Jonas Medeiros. São Paulo: CCJ, 05 jul. 2015. 1 arquivo .wma (2h 10min 53s).
- SARON, Letícia; UCHOA, Talitah. **Coletivo M.A.N.A. (Mulher Atitude Negritude e Arte) Crew**: depoimento. Entrevistador: Jonas Medeiros. São Paulo: Biblioteca Comunitária Solano Trindade, 11 jul. 2015. 1 arquivo .wma (2h 00min 05s).

Fontes secundárias

- BALBINO, Jéssica. As vozes femininas na literatura marginal. **Caderno de Resumos do Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina**, São Paulo, 2014.
- BASTIDE, Roger. Introdução ao estudo das técnicas de história de vida. **Revista Sociologia**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 3-7, mar. 1953.
- CALDEIRA, Teresa. Gênero continua a ser o campo de batalhas: juventude, produção cultural e a reinvenção do espaço público em São Paulo. Trad. Saulo Adriano. **Revista USP**, São Paulo, n. 102, p. 83-100, jun./ago. 2014.
- D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. Orient. Vera da Silva Telles. Tese (Doutorado em Sociologia) – FFLCH/USP, São Paulo, 2013.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.
- LEITE, Antonio Eleilson. **Mesmo céu, mesmo CEP**: produção literária na periferia de São Paulo. Orient. Jefferson Agostini Mello. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – EACH/USP, São Paulo, 2014.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MEDEIROS, Jonas. O associativismo de mulheres na Zona Leste da cidade de São Paulo. **XVII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Porto Alegre, 2015.
- MELO, Rúrion. Repensando a esfera pública: esboço de uma teoria crítica da democracia. **Lua Nova**, São Paulo, n. 94, p. 11-39, 2015.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **É tudo nosso!** Produção cultural na periferia paulistana. Orient. Júlio Assis Simões. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2012.
- SADER, Éder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.